

Cadernos de Psicanálise – CPRJ
Ano 32 / N° 23 - 2010

Entrevista realizada com a Dra. Ruth Goldemberg, em 16/08/2010.

As perguntas foram formuladas pela Comissão Editorial do Cadernos de Psicanálise-CPRJ.



Ruth Goldemberg é um nome bastante conhecido. Psicóloga desde os anos 60, percorreu um caminho bem interessante até tornar-se psicanalista.

A partir de questões familiares que a levaram a buscar ajuda psicológica e de uma boa relação transferencial com seu analista, Ruth foi refazendo seus caminhos pessoais e profissionais, deixando para trás escolhas antigas e “surfando” – seletivamente – nas ondas que iam se apresentando em sua vida.

Tendo iniciado sua formação psicanalítica há mais de 40 anos, Ruth se destaca por ser bem-humorada, acolhedora e criativa. Recebeu-nos em seu consultório com café, refrigerante e bolinhos para falar sobre sua trajetória de vida, experiência profissional e interesse em entender melhor o ser humano.



CP. Ruth, você é uma analista com longo percurso. Poderia nos falar sobre ele? Qual sua formação pessoal? Como é que foi sua entrada na psicanálise? Que autores influenciaram o seu pensamento e a sua formação?

Ruth. Minha vida universitária começou quando eu tinha 17 anos e fiz vestibular para Matemática e Física. Naquela época, menina com 17 anos, fazer matemática e física, e ainda passar em primeiro lugar, foi muito estranho, os jornais falaram... Achei que minha vida estava definida!

CP. Foi na UFRJ?

Ruth. Não sei. Acho que só havia a Universidade do Brasil, que estava espalhada em vários lugares, conforme o curso. O vestibular foi no Largo do Machado. Matemática e Física eram ali no Castelo, onde atualmente é a Aliança Francesa. Eu gostava muito, adorava matemática, meu sonho era ser professora de matemática, mas o meu pai tinha muitas dificuldades financeiras, eu era muito jovem, queria me enfeitar, não tinha dinheiro para isso. Surgiu então, de repente, um concurso para funcionária pública no Instituto dos Industriários.¹ Eu me inscrevi no último dia e fiz o concurso. Minha sorte foi a matemática, pois tirei 100 na prova, minha média subiu e fui chamada logo para trabalhar e ganhar 500 mil réis! Naquela época, era muito dinheiro para mim. Eu simplesmente larguei a matemática no terceiro ano e fui ser funcionária pública. Fiquei trabalhando naquele lugar durante 12 anos, mas não gostava daquilo. Eu fazia poesias durante o expediente, faltava muito e, obviamente, fiquei 12 anos sem nenhuma promoção. Nessas alturas, já tinha me casado. Meu marido estava com uma situação boa e depois de 12 anos sem perspectiva de nenhuma promoção, resolvi sair. Ficar lá, realmente eu não gostava. Não voltei mais lá, nem pedi demissão. Simplesmente virei as costas e resolvi ser dona de casa.

CP. Pela altura dos 30 anos?

Ruth. É. Mais ou menos. Fiquei em casa durante quatro anos, sendo mãe e dona de casa, recebendo para jantares, fazendo vida social etc. Depois de quatro anos, comecei a ficar deprimida, pois ser somente dona de casa não estava sendo suficiente.

CP. E os filhos? Quantos filhos?

Ruth. Nessas alturas eu já tinha dois. E aí comecei a pensar em fazer outras coisas, me ocupar. Fiz um curso de arranjo de flores, arranjo para festas, para igrejas. Eu gostava, mas não era bem o que eu queria. Fiz, então, um cursinho de maquiagem. O Fluminense, naquela época, era um clube social muito importante. Aos sábados, juntava as meninas da rua em minha casa e me divertia muito, maquiando-as para os bailes.

¹ Atualmente todos os institutos fazem parte do INSS.

CP. Você morava em Laranjeiras?

Ruth. Ainda moro no mesmo apartamento. As meninas iam lá para casa, era aquela folia, todas falando, animadas na expectativa das paqueras. Enfim, eu gostava muito disso. Só que era uma época em que o meu marido trabalhava muito, inclusive aos sábados, e muitas vezes aos domingos, também. Um dia ele chegou para mim e disse:

“Ruthinha, se você quer continuar fazendo isso, vou alugar para você uma sala aqui embaixo na rua, porque eu chego em casa muito cansado e essa menina fica toda aqui, correndo para lá e para cá, rindo e brincando, eu não consigo descansar.” Mas eu não desejava ampliar demais aquela atividade, e desisti.

Algum tempo depois, o diretor do colégio onde meu filho Arnaldo estudava me chamou achando que seria bom ele fazer uma análise. Eu nem sabia que existia análise, não sabia o que era isso. Katrin Kemper era um nome muito importante naquele momento. Fui procurá-la, mas ela estava fundando a SPRJ, alegou que devido a isso, não tinha tempo, e quis encaminhá-lo para outro analista. Eu insisti tanto, que ela ficou meio desarmada e me deu uma condição: “Eu fico com o menino, se a senhora e seu marido entrarem em análise também”.

CP. Seu filho tinha que idade?

Ruth. Meu filho estava com 7 anos. Nós começamos a fazer análise de grupo de casais com o Dr. Júlio Gonçalves dos Santos, que já faleceu. Acredito que essa experiência de grupo de casais foi uma experiência que não vingou. Hoje em dia, não escuto mais ninguém falar nisso. Depois de um ano, Dr. Júlio encerrou o grupo. Eu, então, comecei a ficar com vontade de dar continuidade à análise, que aliás, nem tinha começado, mas, de alguma forma, a transferência já estava estabelecida. Falei com o Dr. Júlio sobre o meu desejo e começamos minha análise pessoal. O consultório estava localizado numa casa na Rua Mena Barreto, onde havia uma equipe grande de psicanalistas. Dr. Júlio era uma pessoa muito aberta, bem-humorada. Ele tinha um cachorro lindo, enorme, daqueles de pelo marrom lustroso, não sei qual é a raça. Entrávamos os três no consultório, eu deitava no sofá e o cachorro se deitava no tapete ali do meu lado... Depois de mais ou menos um ano de análise, começou a voltar uma vontade de terminar o curso de matemática. Falei sobre isso para ele, que ficou calado,

não disse nada. Comecei a procurar meus documentos porque tinha saído da faculdade sem dizer nada, assim como eu havia saído do funcionalismo público sem dar nenhuma satisfação. Finalmente, depois de muita pesquisa, acabei achando os papéis no porão do Colégio Pedro II, tudo amarradinho, pronto para ser encaminhado e queimado em Brasília. Já tinham se passado mais de 20 anos. Mande um requerimento para o reitor e recebi uma resposta, me aceitando de volta, mas para o 2º ano, porque o currículo tinha mudado e haviam sido incluídas novas disciplinas que eu teria de fazer.

Fui para a análise muito aborrecida, reclamando muito ter que fazer um ano a mais na faculdade. Dr. Júlio, calmamente, virou-se para mim e disse: “A PUC abriu inscrições para o vestibular de Psicologia. Por que você não vai lá se inscrever?” Não discuti, fui no mesmo dia à PUC e me inscrevi. Estudei Português, cuja gramática havia mudado bastante, e novamente a matemática me ajudou. Passei em 2º lugar no vestibular.

CP. Em que ano?

Ruth. Foi em 1963.

CP. Foi no início de 1963 que você começou a estudar psicologia?

Ruth. Foi. Iniciei o curso, continuei a fazer análise, só que quando eu estava já no meio do terceiro ano, meu analista morreu de repente, infarto súbito. Com o choque, eu achei que não tinha mais sentido fazer psicologia, pois a minha esperança naquela ocasião era trabalhar com ele na equipe da Mena Barreto. Transferência existe. Quando abriram as inscrições para o estágio (eram somente duas vagas), não me inscrevi. Fui para minha casa em Teresópolis, passar as férias com meus três filhos, sem pensar em mais nada. Quando voltei, recebi um telefonema da PUC dizendo que eu tinha sido escolhida para o estágio, me chamando para fazer uma entrevista!

Fiquei muito espantada, mas fui. Cheguei lá para falar com a coordenadora que me explicou as condições de funcionamento do estágio: supervisão, horários etc. Não perguntei nada, mas aceitei. Aos poucos, fui me interessando cada vez mais e assim voltou toda a vontade de estudar, de trabalhar, de aprender psicanálise.

Passados muitos anos, por acaso, soube a razão de eu ter sido escolhida. A coordenadora havia levado para Padre Benko (diretor geral do curso na época) a lista de inscritos e ele perguntou onde estava meu nome. Ao saber que eu não havia me inscrito, me escolheu. Era o meu destino.

CP. Qual era a sua relação com o Padre Benko?

Ruth. O Padre Benko era psicólogo, professor da teoria de Rogers. Eu tinha certo contato com ele porque meu pai estava muito idoso, não podia morar sozinho, e veio morar comigo. Isso estava nos causando muitos transtornos, e não sabíamos como resolver. Eu ia conversar muito com o Padre Benko, para ele me ajudar a encontrar uma solução. Com Padre Benko, consegui elaborar um pouco essa questão e acabei encontrando uma boa solução. Padre Benko realmente me conhecia de uma forma mais pessoal.

Comecei então a estagiar. Meu primeiro caso começou de forma interessante. Naquela época, as Sociedades de Psicanálise só admitiam médicos para a formação. Nós, como psicólogos, só podíamos fazer psicodiagnóstico no estágio. Na PUC, quem atendia a mãe da criança era a assistente social, que encaminhava a criança para o psicólogo fazer o psicodiagnóstico. Havia uma reunião semanal, onde o caso era avaliado e, se chegando à conclusão da necessidade de análise, esse encaminhamento também era feito pela assistente social, em acordo com a mãe, para um psicanalista de alguma sociedade. O psicólogo ficava totalmente de fora. Aliás, acho que eu fui uma das primeiras psicólogas a atender clinicamente aqui no Rio de Janeiro, pelo menos na PUC.

CP. Como foi que aconteceu?

Ruth. Foi apresentado, na reunião, o caso de uma menina de 11 anos que havia visto os pais brigando muito, até que o pai jogou a mãe pela escada abaixo. Essa menina gritou, gritou e depois emudeceu completamente. A assistente social, que estava apresentando o caso, falava da dificuldade em encontrar uma solução, pois se a menina não falava, não era possível fazer um psicodiagnóstico. Além disso, ela já tinha passado

por vários hospitais psiquiátricos, fora inclusive submetida a eletrochoques. A mãe alegava não ter dinheiro para pagar um psicanalista, enfim uma grande confusão. O que fazer então?

Eu fiquei muito nervosa, o que posteriormente pude associar com questões pessoais de minha infância, e comecei a falar que era um absurdo não se encontrar uma possibilidade de ajuda para a garota. Fui me exaltando até que, de repente, Dr. Kleber, que era o diretor do Serviço, me perguntou calmamente: “Você quer atendê-la?”

Eu levei um susto.

Respondi: “Mas como! Eu não tenho supervisão!”

Angela Podkameni, que tinha acabado de chegar dos Estados Unidos, com formação em Doutorado, falou: “Não seja por isso, eu posso lhe dar supervisão”.

Claro que ambos já deviam ter discutido muito aquela situação do psicólogo não poder clinicar, e devem ter resolvido dar início a essa possibilidade através do SPA da PUC.

Sendo assim, tendo cliente, lugar e supervisão, eu não podia dizer “não”!

Comecei a atender essa menina. Foi um trabalho muito interessante para mim, pois o que eu iria interpretar se ela não falava?! Ficava só sorrindo para mim, um sorriso de Mona Lisa. Ela, às vezes, trazia uma boneca e juntas costumávamos roupinhas, jogávamos pedrinhas no riacho para ver quem jogava mais longe. Eu ficava inventando coisas para fazer, pois ela não falava. Por acaso, se é que existem os acasos, numa livraria, um livro de Winnicott caiu em minhas mãos. Winnicott quase não era conhecido aqui. Isso foi mais ou menos em 66, mas eu comecei a ler e ver que aquele cara fazia coisas parecidas com o que eu fazia, embora com muito medo. Empolguei-me e pedi para um amigo meu psicanalista, que morava em Londres e trabalhava na Tavistock, que me enviasse os livros de Winnicott. Comecei a ler e, cada vez mais, ia me identificando com as coisas que ele fazia, com as coisas que ele dizia e, com muito incentivo de minha supervisora, comecei a trabalhar dentro do possível, da mesma maneira.

CP. Até então, a leitura que você tinha era de Klein?

Ruth. Tinha a leitura do currículo da PUC, Freud, Melanie Klein, Rogers. Isso, fora o que eu encontrava em livrarias, como Karen Horney, Erich Fromm e outros.

CP. Você chegou a fazer formação em psicanálise em algum lugar? Quando é que você se filiou a uma Sociedade de Psicanálise?

Ruth. Eu me formei em 68, fui contratada pela PUC como supervisora do SPA e, com alguns colegas, começamos a fazer atendimento clínico numa casa em Copacabana, convidados por Ângela Podkameni. Nessa ocasião, um grupo de psicanalistas, entre eles Inês Besouchet e Wilson Chebabi, fundaram o Centro de Antropologia Clínica (CESAC). A finalidade do CESAC era receber psicólogos, para um estudo mais aprofundado de Freud e um conhecimento maior de Psicanálise e Filosofia. A proposta não era de formação em psicanálise, pois lá não havia atendimento nem supervisão institucional. Mas dava um grande apoio aos psicólogos que ainda não tinham o direito de fazer formação nas sociedades oficiais. Eduardo Mascarenhas e Ivan Ribeiro também foram meus supervisores, durante um bom período, e Wilson Chebabi foi meu analista por muitos anos.

Em 1970, fui convidada pela Universidade Santa Úrsula para dar supervisão.

Eles estavam no quarto período da primeira turma do curso de Psicologia. Foi lá, também, que comecei a ministrar aulas e a crescer profissionalmente, chegando a ser diretora do curso. Trabalhei na USU durante 38 anos.

Em 1980, iniciei minha formação na SPID, fazendo análise com Madalena Pimentel e supervisão com Samuel Faro e Antônio Sá Earp. Fiquei lá por 5 anos, fazendo formação e conhecendo outros teóricos, mas continuei muito interessada em Winnicott. Mais livros seus foram sendo traduzidos, e a esta altura, ele já estava sendo mais conhecido aqui. Particpei de grupos de estudo com Júlio de Mello e José Outeiral, o que, aliás, continuo fazendo. A partir da minha experiência clínica, comecei a escrever também muitos artigos, e vários foram publicados.

CP. E você continua na SPID?

Ruth. Naquela ocasião, acabei me afastando da SPID. Há uns quatro anos, fui assistir a uma palestra do Eduardo Rozenthal. Gostei da palestra e também das pessoas que estavam lá assistindo: uma turma de gente nova, muito interessada, muito questionadora. Senti que aquele lugar era bom para mim e continuei participando. Atualmente assisto a aulas de Filosofia Contemporânea, buscando associações com a

Psicanálise, Deleuze, Foucault e outros, ministradas por Alterives Maciel e Ângela Coutinho. São aulas muito boas, que estimulam e desafiam minha forma de pensar.

A SPID está bastante atualizada. Eu também devo ter amadurecido mais. Entramos num bom acordo. Atualmente ministro dois seminários de Winnicott: um básico e outro com autores contemporâneos, como Thomas Ogden, Gilberto Safra, Roussillon, o que faço com muito prazer.

CP. Mas você formalmente é membro da SPID?

Ruth. Sim, sou membro associado.

CP. Ruth, ser analista hoje é algo cada vez mais distante daquele estereótipo formado no século passado que incluía um analista sisudo, formal e silencioso diante do indivíduo no seu divã. Hoje estamos livres das imagens formais e das delimitações rígidas acerca dos espaços clínicos a serem ocupados. Trabalhamos dentro da perspectiva de um setting ampliado. Diante dessa diversidade, o que, em sua opinião e experiência, marca o que é ser um psicanalista?

Ruth. Em primeiro lugar, penso que há a questão do “encontro”. A primeira vez que li sobre encontro foi com André Green, mas Winnicott também fala sobre esse tema, embora com outras palavras. “Encontro” no *setting* analítico, significa a possibilidade de duas pessoas – paciente e analista – estabelecerem um relacionamento potencial, onde, através de trocas objetivas e subjetivas, possa surgir uma possível verdade, a verdade transicional (o terceiro analítico), que mantendo essa qualidade de ser transicional, poderá encontrar novos sentidos, dando continuidade ao processo.

A capacidade de brincar também é fundamental. Brincar no sentido de um flexibilidade, de uma capacidade de adaptação ao momento de maturação que o paciente está vivendo; isto é, há momento em que ele é um bebê, há momento em que ele é um adulto. Conforme o momento maturacional do paciente, você poderá ser um analista clássico, o que conduz a uma interpretação verbal, provocando associações, ou um analista que atende à necessidade primitiva do paciente, seja através do *holding*, seja através de um gesto humanizador, como diria Gilberto Safra.

CP. Mas o que marca ser um psicanalista?

Ruth. Acho que a marca mais fundamental é o desejo de ser psicanalista e, claro, ter as condições para isso. Acho que este é o ponto mais fundamental: é ter muita

disponibilidade para estar fazendo aquilo que você gosta e procurar saber cada vez mais. O que eu mais desejo é poder continuar fazendo psicanálise por mais quatro anos, até os 90 anos, pelo menos.

CP. O que chamei de marca, poderíamos chamar de um olhar ou de uma escuta?

Ruth. Com certeza. A escuta é fundamental. Uma escuta que tenha várias possibilidades de entendimento. É você não achar que tem uma resposta certa, nem estar fundamentada exclusivamente na teoria, porque é um processo em que entra uma série de elementos pessoais: a sua percepção, sensibilidade, um bom conhecimento da psicanálise freudiana e da teoria que você abraçou. Entra a sua experiência de análise pessoal, e mais a sua experiência de vida. Tudo isso vai permitir que você possa escutar melhor o seu paciente e entendê-lo, e fazer a comunicação adequada. Diria que capacidade de tolerância também faz parte do processo.

CP. A pós-modernidade assinala transformações culturais e institucionais que trouxeram um impacto profundo na nossa organização social contemporânea. Como é ser psicanalista hoje, diante das novas formas de gênero sexual, das novas estruturas de parentesco e das mais diversas interfaces entre o indivíduo e o coletivo?

A pergunta se desdobra: nós nos defrontamos com novas formas de sofrimento? Haveria novas patologias? Mais do que isso, você acha que haveria uma mudança do analista diante dessas mudanças, uma mudança na abordagem técnica dessas questões?

Ruth. Acho que sim. Acho que nessas patologias, chamadas narcísicas, a interpretação verbal, somente, não atende às necessidades mais fundamentais do paciente. Winnicott vai falar das três formas de atendimento: o atendimento clássico para pessoas que já atravessaram o complexo de Édipo, mas que estão vivendo problemas de ordem psíquica, e aí você pode interpretar e contar com a associação livre e suas falhas. Depois, há aqueles que estão próximos ao Édipo, mas cujo psiquismo ainda oscila entre a maturação e a desorganização, dependendo das circunstâncias, e aí você também vai oscilar, dependendo da necessidade do momento, seja oferecendo uma interpretação, um *holding*, uma pontuação ou simplesmente ficando calado.

Uma questão muito atual trata da comunicação corporal, que sempre existiu, embora a ênfase tenha sido colocada no verbal. Hoje ela está sendo muito valorizada, principalmente nesses casos chamados “difíceis”, nos quais a comunicação verbal,

muitas vezes, é confusa, ou estereotipada. Da parte do analista, também há certos momentos em que um simples gesto, uma pequena ação, pode promover resultados muito bons.

Tive, uma vez, uma paciente *borderline*. Eu ia viajar pra fora do país e percebi que ela iria ficar desesperada. Dei-lhe um bonequinho que estava na minha mesa e foi isso que a segurou durante o período em que viajei, por quase um mês. Enfim, é a questão do gesto, que eu acho que também é muito importante. Claro que é necessário ter bastante experiência para saber o que fazer em cada situação.

CP. A sua clínica mudou muito?

Ruth. Sim, mudou muito, mas eu fui mudando também.

CP. Você fala que mudou muito, e estabeleci aqui um fio condutor com relação a todas as suas mudanças na vida, desde a saída da faculdade de matemática, do emprego no Instituto dos Industriários. Você processou muitas mudanças. Por exemplo, ao não se demitir, não se despedir, simplesmente partir, pareceu-me que você não queria ser detida. Esta foi minha interpretação de que você não queria correr o risco de ser detida. No exercício da clínica, você falou de ter vontade e de um encontro. Parece-me que você é uma pessoa muito aberta para o encontro. Falo de estar aberta para o que o encontro demandar de você, não uma abertura exagerada, mas no sentido de se comunicar com o que existe de mais primitivo do paciente, com aquilo que precisa ser expresso. Há afeto, você não tem medo desse encontro, da singularidade envolvida nele. A coragem de estabelecer esse encontro analítico, sem estar rigidamente presa às normas ou à teoria. Lembra-me Freud e Ferenczi com a questão da técnica do beijo. Parece-me que você não se deixa aprisionar por normas.

Ruth. Eu não me deixo aprisionar por normas. Acho que não. Eu diria que tive uma educação europeia muito rígida e, de alguma forma, uma boa adequação ficou introjetada. O fato de não me prender a normas não significa que eu saia por aí fazendo qualquer coisa. Minha experiência de vida, eu diria que minhas frustrações também, além de um forte interesse em ler, estudar e entender melhor o ser humano, me possibilitou saber me comportar adequadamente.

CP. Com relação, ainda, a esse traço de personalidade corajoso, você sente que seria um fator que gera ou gerou dificuldades em seu pertencimento a uma instituição

psicanalítica? Um aspecto seu de coragem, de inquietação com relação ao poder instituído, tem que fazer porque tem que fazer? Parece que se trata de insubmissão, não?

Ruth. Eu acho difícil me submeter. É como aconteceu no emprego público. Tinha que cumprir horários rígidos e um monte de processos para abrir, ler e assinar. Aquela coisa automatizada me irritava, eu não tinha paciência. Como até hoje não tenho paciência para muita formalidade. Acho que criatividade e submissão não combinam. E prefiro manter a minha mente criativa, mesmo que, às vezes, eu tenha que pagar um preço por isso.